La Comédiathèque

FORA de JOGO

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Fora de Jogo

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Cinco desconhecidos que não têm nada em comum acordam presos num lugar que nunca viram. Quem os trouxe até ali e porquê? A chegada dos dois raptores levanta mais perguntas do que respostas… Para sobreviverem, os reféns terão de pôr de lado as diferenças e jogar em equipa se quiserem chegar ao prolongamento. Tudo isto sem caírem em fora de jogo…

Personagens:
Fred: humorista desempregado/a (homem ou mulher)
Manu: chefe de cozinha (homem)
Alex: autarca ecologista (género deliberadamente ambíguo)
Carla: prostituta (o papel também pode ser interpretado por um homem travestido)
Béatrice: freira
Alpha: extraterrestre (masculino)
Oméga: extraterrestre (feminino)

7 personagens

Elencos possíveis:
2H/5M, 3H/4M, 4H/3M, 5H/2M

© La Comédiathèque

Manu (homem), Fred (homem ou mulher, aqui uma mulher) e Alex (presumivelmente mulher) estão caídos, inconscientes, em três cadeirões futuristas ao fundo do palco. Fred, aqui interpretada por uma mulher pouco graciosa, é a primeira a despertar. Esfrega os olhos e olha à sua volta, sem perceber onde está. Levanta-se devagar, ainda zonza, talvez de ressaca. Veste-se de maneira descontraída, com pretensões a moderna, e dá alguns passos cambaleantes. À medida que recupera os sentidos e anda com mais firmeza, aumenta o seu espanto. Só então repara nos corpos deitados nos outros dois cadeirões. Primeiro surpreende-se, depois fica inquieta. Percorre o espaço à procura de uma saída, mas não encontra nenhuma. Enquanto está de costas, Manu acorda e levanta-se, tão desorientado como Fred. É um machista bastante bruto, de roupa convencional. Fred volta-se, vê-o e dá um salto de susto.

Fred – Não se aproxime! Aviso-o já: pratiquei karaté…

Manu também se surpreende ao vê-la, embora não pareça ter medo.

Manu – Quem é você?

Fred *(hesitando)* – Não sei. Bem, sei quem sou, claro… Mas onde é que estamos?

Manu – Em minha casa é que não estamos. *(Olha em volta.)* Tem a certeza de que isto não é a sua casa?

Fred – Acha que eu não saberia? E o que é que nós os dois estaríamos a fazer em minha casa?

Manu – Pois… Também gostava de saber.

Fred – Além disso, não estamos só nós os dois.

Fred aponta para o terceiro corpo, tombado no último cadeirão. Manu repara nele.

Manu – Conhece-o?

Fred aproxima-se e inclina-se cautelosamente sobre Alex.

Fred – Parece mais uma mulher, não?

Manu aproxima-se também.

Manu – Talvez…

Fred – Acha que está morto?

Manu continua a observar a sala.

Manu – Quem?

Fred *(apontando)* – Aquele! Quer dizer… aquela.

Manu – Sei lá! Não sou médico-legista!

Fred – Então o que fazemos?

Manu – Faça-lhe respiração boca a boca. Se for a Bela Adormecida, talvez acorde.

Fred – E se for um homem?

Manu – Se for um homem e lhe der um beijo na boca, também deve acordar.

Fred – Se calhar drogaram-nos…

Manu olha para ela, intrigado.

Manu – Já chega. Vou-me embora.

Dirige-se para a lateral do palco.

Fred – Não há saída.

Manu – Isso é o que vamos ver. Já deitei portas abaixo antes.

Fred – Acredito. Tem mesmo ar de quem arromba portas. Sobretudo portas abertas… *(Enquanto Manu procura de ambos os lados do palco.)* O problema é que aqui nem sequer há portas.

Manu fica desconcertado.

Manu – Não há porta? Mas como é possível?

Confirma uma última vez e é obrigado a reconhecer a evidência.

Fred – Nem porta, nem janela.

Manu – Quem nos trouxe até aqui teve de entrar por algum lado!

Fred – Acha que alguém nos trouxe?

Manu – Lembra-se de ter vindo sozinha?

Fred – Não…

Manu – Então alguém nos trouxe. É lógico.

Fred – Lógico… O que não tem lógica é estarmos aqui os dois. Ou melhor, os três…

Pausa.

Manu – E porque é que nos haviam de drogar?

Fred – Não sei. Explicaria por que razão não nos lembramos de nada.

Manu – Ah, sim?

Fred – Li uma coisa dessas sobre o GHB.

Manu – GHB?

Fred – A droga usada para violar pessoas.

Manu – Está muito bem informada sobre drogas… A droga de quê?

Fred – Uma substância que alguns violadores põem nas bebidas das vítimas. Por exemplo, numa discoteca, num whisky com cola. A pessoa fica indefesa e depois não se lembra de nada. Não terá sido você a drogar-me?

Manu – Mas você está doida? Nem sequer vou a discotecas! Sou casado, fique sabendo. E porque é que não foi você que me drogou a mim?

Fred – Mas você está bom da cabeça? Porque faria eu uma coisa dessas?

Manu – Prefiro não saber…

Fred – Se o tivesse drogado, lembrava-me.

Manu – A menos que também tivesse bebido.

Fred – Bebido o quê?

Manu – A porcaria que pôs na bebida! O whisky com cola!

Fred – Acho que nos drogaram aos dois.

Manu – Mas porquê a mim? Em geral, os violadores não andam atrás de homens, pois não? Muito menos de homens como eu…

Fred indica o terceiro corpo.

Fred – Ela também está aqui.

Manu – Nem sabemos se é realmente uma mulher. Podíamos acordá-la e perguntar.

Fred – Perguntar se é mulher?

Manu – Perguntar se sabe de alguma coisa!

Fred aproxima-se do corpo e sacode-o com cuidado.

Fred – Está a ouvir-me?

Manu suspira, impaciente.

Manu – Deixe-me tentar! *(Sacode o corpo com força e grita.)* ESTÁ A OUVIR-ME?

Alex acorda em sobressalto e levanta-se de um salto.

Alex – Não fui eu! Juro que não!

Alex pode ser um homem efeminado ou uma mulher de aparência masculina. Usa um fato de calças, de corte executivo. A dúvida sobre o seu sexo deve manter-se; por comodidade, as didascalias tratam-na no feminino. Embora esteja fisicamente acordada, ao princípio fala e move-se como uma sonâmbula.

Alex – Desculpem, devo ter tido um pesadelo… Não liguem… Vou só refrescar-me.

Dá a volta à sala, sem descobrir nenhuma porta.

Alex – Podem dizer-me onde fica a casa de banho?

Fred – A casa de banho dos homens ou a das mulheres?

Alex olha-a, perplexa. Manu finge aplaudir a perspicácia da pergunta.

Manu – Não há casa de banho.

Alex – Ah… Uma companhia aérea low-cost. Nesse caso, volto a dormir. Acordem-me antes da aterragem, está bem?

Fred e Manu trocam um olhar intrigado. Alex prepara-se para voltar ao cadeirão.

Fred – Garanto-lhe que não estamos num voo de baixo custo.

Alex olha para ambos com curiosidade.

Manu – E, muito provavelmente, nem sequer estamos num avião.

Alex – Estou a ver…

Começa a recuperar o contacto com a realidade. Pode voltar a pôr os óculos.

Alex – Então também não são assistentes de bordo.

Manu – Exatamente.

Alex *(angustiada)* – Mas então onde estamos?

Fred – Estávamos à espera que nos dissesse.

Alex volta a percorrer a sala, cada vez mais aflita.

Manu – Não vale a pena. Não há saída.

Alex – Não há saída? E eu que sou claustrofóbica! *(Desaparece para um lado do palco. Ouvimo-la esmurrar uma parede e gritar.)* Deixem-me sair!

Manu revira os olhos e faz sinal a Fred para a ir buscar. Fred regressa, amparando Alex pelo braço.

Fred – Acalme-se. Vai correr tudo bem.

Alex – Desculpem, não sei o que me deu.

Fred – Portanto, também não faz ideia do que estamos aqui a fazer.

Alex – Vocês os dois conhecem-se?

Manu – Não.

Fred – Nesse caso, apresentemo-nos. Talvez isso ajude a perceber porque fomos raptados.

Alex – Acha que fomos raptados?

Manu – Não viemos por vontade própria e não conseguimos sair. Chame-lhe o que quiser.

Fred – Chamo-me Fred. É diminutivo de Frédérique. E você?

Alex – Alex.

Fred – E Alex é diminutivo de…?

Alex – Alex, simplesmente.

Fred – Estou a ver…

Alex – E você?

Manu – Manu. Diminutivo de Emmanuel.

Fred – Talvez andem a raptar pessoas com nomes abreviados.

Alex – Quem é que anda?

Fred – Sei lá. Eles. Os que nos trouxeram aqui. Alguém nos trouxe, não trouxe?

Manu – Mas porque é que nos haviam de raptar? Essa é que é a questão.

Fred – Talvez tenha a ver com as nossas profissões.

Manu – O que faz na vida?

Fred – Sou… humorista.

Manu – Humorista?

Fred – Quer dizer, neste momento estou sobretudo desempregada.

Manu – E porque haveria alguém de raptar uma humorista desempregada?

Alex – E enquanto humorista… costumava gozar com a religião?

Fred – Não especialmente.

Manu – Se fomos raptados por extremistas islâmicos, vamos precisar muito do seu sentido de humor.

Alex *(aterrorizada)* – Acha que foram extremistas islâmicos?

Manu – Não, foi uma maneira de falar. Era uma piada.

Fred – E você, o que faz?

Manu – Sou chef.

Fred – Ah! Pelo aspeto, não me surpreende.

Alex – Chef de quê?

Fred – No sentido de mandar nos outros?

Manu – Chef de cozinha! Sou cozinheiro e tenho um restaurante.

Alex – Ah, sim? Depois tem de nos dar a morada.

Manu – Se sairmos daqui vivos…

Alex – Uma humorista e um cozinheiro… Não faz sentido.

Fred – E você?

Alex – Faço parte de um conselho regional.

Fred – Conselheiro ou conselheira?

Alex – Tanto faz.

Fred – Estou a ver.

Alex – Sou ecologista, se quer saber. E também tenho responsabilidades na limpeza urbana.

Manu – Uma artista desempregada e um político ecologista… Se eu próprio não estivesse aqui, diria que alguém anda a livrar o país dos parasitas.

Alex – Brilhante análise… Vai ajudar-nos imenso.

Fred – E você acha-se indispensável à sociedade, não é? Eu nem tenho dinheiro para ir a restaurantes. Duvido que o seu sirva refeições gratuitas a quem precisa.

Manu – Ao menos eu pago impostos.

Alex – Tenho a sensação de que esta comédia vai acabar muito mal.

Fred – Uma comédia que acaba mal chama-se drama.

Manu – Isso continua sem explicar porque fomos raptados.

Alex – Para exigir um resgate?

Fred – Um resgate?

Alex – Talvez seja só um rapto por dinheiro.

Manu – Eu não sou milionário. Acabei de abrir o restaurante. Até agora, só tenho dívidas.

Alex – E você, que é humorista, também não deve estar a nadar em dinheiro.

Fred – Pedir um resgate por uma artista desempregada é como pedir um pente emprestado a um careca.

Manu – E você, com tantos cargos políticos ao mesmo tempo, consegue orientar-se?

Alex – Não me posso queixar, mas…

Manu – Mesmo assim, não explica porque nos raptaram aos três.

Fred – Pois, não temos absolutamente nada em comum.

Manu – Nada mesmo. Não podíamos ser mais diferentes.

Ficam a pensar.

Alex – Bem, nada em comum… Somos todos franceses.

Fred – Franceses? Não chamaria a isso ter alguma coisa em comum.

Alex – Não?

Fred – Quero dizer… em França toda a gente é francesa, não é? Quer dizer…

Manu – Quem me dera que fosse verdade.

Fred – Já percebi. O senhor também não gosta de estrangeiros.

Manu – Estava só a dizer que nem todos os que vivem em França são franceses.

Alex – Não há dúvida de que somos franceses. Talvez tenhamos sido raptados por terroristas que se preparam para nos degolar em direto diante das câmaras, e nós já estamos a atirar-nos à garganta uns dos outros por causa da identidade nacional.

Fred – Tem razão: não temos nada em comum. Mas, se quisermos sobreviver, temos de nos manter unidos.

Alex – Esperem… Se calhar é por isso!

Manu – Por isso, o quê?

Alex – Talvez nos tenham escolhido precisamente por sermos tão diferentes.

Fred – O que quer dizer?

Alex – Não sei. Estou a tentar perceber.

Manu – Está bem, mas na prática o que fazemos?

Fred – O que sugere?

Manu – Esperem! Podemos telefonar!

Alex – Pois podemos. Temos de avisar a polícia.

Fred – Nem sabemos onde estamos! O que é que lhes vamos dizer?

Manu – Talvez consigam localizar os nossos telemóveis.

Tira o telemóvel e marca um número.

Alex – É estranho não nos terem tirado os telemóveis.

Manu – Merda. Sem rede.

Alex – Vou experimentar.

Fred – Eu também.

Tiram os telemóveis e tentam fazer chamadas.

Alex – Nada.

Fred – Aqui também não.

Manu – Afinal, já percebo porque não nos tiraram os telemóveis.

Alex – Onde raio estaremos para não haver rede?

Olham uns para os outros, preocupados.

Fred – No meio do deserto, talvez.

Alex – Ou numa cave.

Fred – Num abrigo antinuclear?

Os outros dois fitam-na, horrorizados.

Manu – Seja como for, não conseguimos comunicar com o exterior.

Alex – Então o que podemos fazer?

Fred – Nada.

Alex – Só nos resta esperar.

Manu – Esperar?

Fred – Quem nos raptou quer alguma coisa. Mais cedo ou mais tarde aparece.

Alex – E depois tentamos negociar.

Manu – Quando aparecerem, mostro-lhes eu como se negoceia!

Manu faz um gesto brusco, que Alex tenta travar. Ouve-se então um ruído estranho, digno de um filme barato de ficção científica. Fred, Manu e Alex ficam imediatamente imóveis, como petrificados. A luz apaga-se, tanto quanto possível. Na penumbra, distingue-se a silhueta de uma mulher a arrastar outra, inconsciente. Deita-a num dos cadeirões e desaba noutro. A luz regressa. Carla (vestida como prostituta, podendo ser interpretada por um homem travestido) e Béatrice (com hábito de freira) estão inconscientes. Mal a luz regressa, Fred, Manu e Alex retomam os movimentos e a conversa exatamente onde a tinham deixado, sem repararem logo nas recém-chegadas.

Alex – A violência nem sempre resolve tudo. Para sairmos daqui vivos, talvez precisemos de alguma diplomacia.

Manu – Diplomacia? Nem sabemos quem nos raptou nem o que querem!

Fred – Seja quem for, espero que não demorem… Estou cheia de fome. Vocês não?

Alex – Como é que consegue pensar em comer numa altura destas?

Manu – Estamos presos e só lhe interessa o serviço de quartos?

Fred – Desculpe lá, mas não almocei. Às vezes até salto refeições para poupar dinheiro.

Manu – A vida de artista…

Alex – Pronto, acalmem-se! Se sairmos deste buraco, saímos todos juntos.

Manu – Combinado. Se sairmos até à noite, ofereço-vos um jantar no meu restaurante.

Alex – Por acaso, nem sabemos que horas são.

Manu *(consultando o relógio)* – O meu parou. Que horas têm vocês?

Alex – O meu também. E você?

Fred – Não uso relógio.

Manu – Pois, claro…

Alex – Isto é absurdo. Tem de haver uma saída em algum lado.

Volta-se para procurar e sobressalta-se ao descobrir os dois corpos inertes nos cadeirões.

Alex – E isto, agora?

Fred – O quê?

Manu e Fred voltam-se e também descobrem os dois corpos.

Manu – Foda-se!

Alex – É um pesadelo…

Manu – Como é que elas apareceram aqui? Vocês viram alguma coisa?

Fred – Não.

Manu – E não ouvimos nada.

Alex – Passam-se aqui coisas muito estranhas.

Fred – Não me diga!

Manu aproxima-se dos corpos para os examinar.

Manu – São duas mulheres.

Fred e Alex aproximam-se também para as examinar.

Fred – Parece que uma delas usa burca.

Alex – Bem, isso até é tranquilizador.

Fred – Acha?

Alex – Porque haveriam extremistas islâmicos de raptar uma mulher de burca?

Fred – Aquilo não é uma burca.

Manu – Porra, é uma freira!

Alex – E a outra?

Manu – A outra não parece nada freira.

Fred – Isto é de loucos.

Manu – Mas porque é que as trouxeram?

Fred – Talvez queiram ver se somos capazes de nos reproduzir em cativeiro, como os grandes macacos.

Alex – Com uma freira?

Precisamente nesse momento, a freira começa a despertar.

Béa – Jesus, Maria, José! Onde estou?

Alex – No Paraíso é que não deve estar, irmã. Pelo menos não é assim que eu o imagino.

Fred – E também não está calor suficiente para ser o Inferno.

Béa – Talvez seja o Purgatório.

Manu – Ah, sim? E no Purgatório o que é suposto fazermos?

Béa – Se estivermos no Purgatório… só nos resta esperar.

Alex – Agradeço muito a ajuda, irmã. Vai ser-nos mesmo muito útil.

Manu – Sim, foi a Providência que a trouxe.

Béa *(sem perceber a ironia)* – Ora essa, de nada. Se puder ser-vos de alguma ajuda nesta provação que Deus nos enviou… Chamo-me irmã Béatrice.

Fred – Muito prazer, irmã.

Béa – Mas continuo sem perceber como vim aqui parar.

Fred – Os caminhos do Senhor são insondáveis.

Béa – A última coisa de que me lembro é da clínica.

Manu – Estava internada?

Béa – Não, da clínica onde trabalho como auxiliar de enfermagem. Nossa Senhora do Bom Socorro.

Alex – Ah…

Béa – Estava na capela, nas orações da manhã, a ouvir o sermão do capelão. Devo ter sofrido um acidente. É isso! Morri e, como pecadora que sou, Deus mandou-me para o Purgatório.

Alex – Que acidente se pode sofrer a ouvir missa?

Fred – Sobretudo um acidente mortal.

Manu – Talvez se tenha engasgado com a hóstia… Ficou-lhe presa na garganta. Uma vez aconteceu-me isso com um cliente no restaurante.

Fred – Ou então caiu do genuflexório. Aqueles bancos ainda são altos…

Alex – Seja como for… Talvez devêssemos tentar lembrar-nos do que fazíamos antes de… Enfim, qual é a última coisa de que se recordam?

Manu – Sei lá… Vejo-me na cozinha do restaurante, a preparar maionese de trufa.

Béa – Não é nada fácil fazer uma boa maionese.

Manu – O segredo é acrescentar uma gota de…

Fred – Não estamos aqui para trocar receitas! E eu já estou cheia de fome.

Alex – E você, o que estava a fazer?

Fred – Bem, eu…

Manu – Não se lembra, pois não?

Fred – Lembro-me, mas prefiro guardar isso para mim, se não se importam. Duvido que isso vos ajudasse em alguma coisa.

Alex – Estou a ver…

Fred – E você? O que fazia?

Alex – Eu… Acho que a última coisa de que me lembro… Ah, estava no cabeleireiro!

Fred – Num cabeleireiro de homens ou de mulheres?

Alex – Acha que isso nos vai ajudar a perceber porque estamos aqui?

Carla, a prostituta (papel que também pode ser interpretado por um homem travestido), desperta e olha os outros, sem perceber o que se passa. O seu olhar detém-se na irmã Béatrice. Carla pode falar com sotaque estrangeiro.

Carla – Bom dia, irmã. A operação correu bem?

Béa – Isso não lhe sei dizer.

Carla – A senhora não é enfermeira?

Béa – Sim…

Alex – Há pouco disse que era auxiliar de enfermagem.

Fred – Pecado do orgulho, irmã. Não admira que tenha ido parar ao Purgatório.

Carla – Se é enfermeira, estamos num hospital. Eu vinha para… Bem, sabe perfeitamente.

Béa – Não sei, não.

Carla – Como dizia a filósofa francesa Simone de Beauvoir, «Não se nasce mulher, torna-se mulher».

Béa – Ah… Mas duvido que a clínica Nossa Senhora do Bom Socorro faça esse género de operações.

Manu – Era só o que faltava.

Carla – E quem são estes três?

Béa – Não faço a menor ideia.

Alex – Estou a começar a pensar que estamos num manicómio.

Manu – Isso explicava muita coisa.

Carla levanta-se.

Carla – Mas que história é esta? Onde estamos? O que é que eu faço aqui?

Fred – Explique-lhe você.

Alex – Todos acordámos aqui. Não sabemos onde estamos nem porquê.

Fred – Dito assim, parece uma peça de Jean-Paul Sartre, o filósofo francês. Como se chama? As Mãos Sujas?

Alex – À Porta Fechada.

Fred – Essa mesmo. Só que aqui somos cinco.

Manu – Por enquanto.

Alex – Isto vai acabar muito mal, estou a sentir.

Carla dá alguns passos.

Carla – É uma partida, não é?

Manu – Receio que não, meu caro senhor… Quer dizer, minha cara senhora.

Carla – Carla. Chamo-me Carla.

Fred – E o que faz na vida, Carla?

Carla – Não se vê?

Fred – Desculpe. Só queria confirmar.

Manu – Uma freira e um travesti…

Carla – Não é preciso ser grosseiro. Prefiro «pessoa transgénero», se não se importa.

Manu *(a Alex)* – Estou a começar a achar que tem razão.

Alex – Sobre o quê?

Manu – Sobre terem juntado pessoas sem nada em comum.

Fred – Exceto sermos franceses.

Manu – Se faz questão.

Béa – E se isto fosse uma espécie de Arca de Noé, antes de um novo dilúvio?

Alex – Como?

Béa – Noé, na Bíblia! Levou animais de todas as espécies para a arca, antes do Dilúvio, para os salvar da extinção. Quem nos trouxe talvez queira uma amostra da humanidade.

Carla – Bela amostra! Parece uma coleção de figuras estranhas.

Manu – O Purgatório, a Arca de Noé e agora uma feira de aberrações…

Alex – A mim lembra-me A Jangada da Medusa, aquele quadro francês dos sobreviventes de um naufrágio.

Fred – Quem sabe? Ainda acabamos a comer-nos uns aos outros.

Carla – Foi o que aconteceu naquela jangada?

Fred – Eu, pelo menos, já estou esfomeada.

Béa – Ou então estamos num programa de televisão.

Alex – Um programa que vai acabar muito mal, estou mesmo a ver.

Enquanto todos olham para a frente, Alpha (homem) e Oméga (mulher) entram silenciosamente por trás. Vestem fatos unissexo de ficção científica de baixo orçamento, com pistolas laser à cintura que mais parecem brinquedos ou secadores de cabelo. Movem-se em silêncio, de forma mecânica, quase robótica. Apesar de terem sexos diferentes, são tão parecidos que se podem confundir. Para os distinguir, os nomes estão escritos nos fatos.

Alpha – Saudações, habitantes da Terra.

Todos se voltam ao mesmo tempo.

Oméga – Bem-vindos ao nosso modesto disco voador.

Manu – Mas que circo vem a ser este?

Fred – Quem são estes palhaços?

Alpha e Oméga avançam para o centro do palco.

Béa *(benzendo-se)* – Jesus, Maria, José…

Oméga – Nós somos os anfitriões. Vocês são os convidados.

Alpha – Pelo menos por agora.

Carla – Ainda por cima, estão a gozar connosco.

Béa – Não podem raptar pessoas desta maneira!

Alex – Sabem que podemos apresentar queixa por rapto e sequestro?

Alpha – Pedimos desculpa por estes pequenos incómodos.

Oméga – Queríamos conversar convosco antes de tomar uma decisão importante.

Alpha – Importante para vocês, pelo menos.

Manu – Mas afinal o que é que querem?

Alpha – Ora… Conhecer-vos, simplesmente.

Oméga – Saber um pouco mais sobre os vossos costumes.

Carla – Ah, são turistas?

Alpha – Já vos vamos explicar. Não se preocupem.

Manu – Nós não queremos explicações nenhumas. Queremos é sair daqui!

Carla – E vocês apareceram de onde?

Fred – Como entraram? Não há porta.

Alpha – Bem… Descemos do céu.

Manu – Pois, pela chaminé. Como o Pai Natal.

Oméga – Não exatamente.

Béa – Então são anjos?

Alpha – Também não propriamente.

Alex – Então quem raio são vocês?

Alpha – Sei que vai custar a acreditar, mas…

Oméga – Somos aquilo a que na Terra chamam extraterrestres.

Silêncio de estupefação.

Carla – Está bem… Portanto é uma brincadeira.

Manu – Isto é para os Apanhados?

Fred – É um programa de televisão? Onde estão as câmaras?

Oméga – Não há câmaras.

Béa *(benzendo-se)* – Meu Deus… É o Diabo que os manda!

Fred – Extraterrestres…

Desatam todos numa gargalhada nervosa, exceto Béatrice. Alpha e Oméga observam-nos curiosos.

Alpha – Então é a isto que chamam rir?

Oméga – Parece que sim.

Alpha – Faz muito barulho.

Alex – Marcianos? Estão a gozar connosco! Podiam ao menos ter caprichado nos efeitos especiais.

Fred – Deve ser televisão de baixo orçamento.

Manu – São iguais a nós!

Carla – Não era preciso serem verdes e terem antenas no lugar dos olhos, mas mesmo assim…

Manu – Toda a gente sabe que os extraterrestres não podem ser exatamente iguais aos humanos!

Alpha – De facto, não somos iguais.

Oméga – Nada iguais. Ficariam surpreendidos.

Alpha – Adotámos uma aparência humana para não vos assustar demasiado.

Oméga – E aprendemos a vossa língua para comunicar.

Manu aproxima-se, ameaçador.

Manu – Já chega de brincadeiras. Vou-me embora.

Alpha – Receio que, por enquanto, não seja possível.

Manu – Ah, é? E quem é que me vai impedir? Você?

Manu avança mais. Alpha saca da pistola e aponta-a a Manu.

Alpha – Eu, no seu lugar, não fazia isso.

Manu – Achas que me vais travar com esse secador de cabelo? De onde é que vocês saíram? De um episódio antigo do Star Trek?

Manu avança. Alpha dispara. Manu cai ao chão, sacudido por espasmos.

Béa *(benzendo-se)* – Jesus, Maria, José… Marcianos!

Oméga – Não se preocupem. Não é nada de grave.

Manu ergue-se, atordoado. Béatrice corre a ajudá-lo.

Fred – Portanto, não é uma partida.

Alpha – O que é uma partida?

Carla – Não sabem o que é uma piada?

Oméga – Estamos aqui justamente para aprender.

Alex – Mas porque é que nos raptaram? Nunca vos fizemos mal!

Alpha – Queremos apenas compreender.

Fred – Compreender o quê?

Oméga – Todas essas coisas que ainda desconhecemos a vosso respeito.

Béa – Vão dissecar-nos como ratos de laboratório?

Alpha – Não, tranquilizem-se.

Oméga – Isso já fizemos.

Alpha – Com outros da vossa espécie, claro.

Carla – Ah, agora estamos muito mais descansados.

Oméga – Mas isso não nos ajudou a compreender.

Manu – Compreender o quê, porra?

Alpha – Tudo aquilo que faz com que, para vocês, valha a pena viver.

Oméga – O amor, o humor, a gastronomia…

Alpha – A arte de viver à francesa.

Fred – Eu bem disse! Raptaram-nos por sermos franceses.

Oméga – Não dizem no vosso país «feliz como Deus em França»?

Alex – Bem… São os alemães que dizem isso.

Carla – É a desculpa deles para nos invadirem duas vezes por século.

Alpha – Seja como for, gostaríamos de saber quem é Deus.

Oméga – E o que significa ser feliz.

Carla – Não pode ser a sério! Raptaram-nos para explicarmos o charme latino, o humor gaulês e a gastronomia francesa?

Fred – Então podem soltar-me já. Há tanto tempo que não faço amor que devo ter esquecido como se faz; o meu agente acha que não tenho graça nenhuma; e cozinho pessimamente.

Alpha – Ah, falando em cozinha, estamos a esquecer-nos dos nossos deveres de anfitriões.

Oméga – Vamos trazer-vos alguma coisa para comer.

Alpha – Não somos selvagens.

Oméga – Não vos deixaremos morrer de fome.

Fred – Bem, isso agradeço!

Alpha – Continuaremos a conversa depois da refeição.

Oméga sai.

Alpha – Não cozinhamos tão bem como vocês, os franceses, mas espero que gostem.

Oméga regressa com uma grande panela.

Alpha – Bom apetite! É assim que se diz?

Manu – É… Sim.

Alpha e Oméga preparam-se para sair.

Béa – Não vão comer connosco?

Oméga – É que…

Alpha – Não sabemos o que é comer.

Oméga – Nem precisamos de o fazer.

Alpha – Funcionamos… a pilhas.

Béa – Ah…

Carla – Querem dizer que são robôs?

Alpha – É um pouco mais complexo.

Oméga – Afinal, na Terra já há pessoas com órgãos que funcionam a pilhas, não há?

Béa – Estão a falar de… brinquedos sexuais? *(Todos olham para ela.)* Eu só ouvi falar, atenção!

Alpha – Estávamos a pensar num coração artificial, por exemplo. Num transplante.

Carla – De facto, o coração e a pila são os primeiros órgãos masculinos que, de certo modo, se podem substituir por próteses elétricas.

Béa – Pergunto-me porquê…

Pausa.

Oméga – Connosco é parecido.

Alpha – Só que todos os nossos… órgãos funcionam a pilhas.

Oméga – Enfim, «pilhas»…

Alpha – É uma maneira de dizer.

Carla – Pois, claro.

Oméga – Bom apetite!

Alex – E se precisarmos de falar convosco?

Carla – Por exemplo, para ir à casa de banho.

Alpha – Não se preocupem. Nós saberemos.

Oméga – E responderemos ao vosso pedido.

Alpha e Oméga saem.

Béa – Jesus, Maria, José… Ciborgues!

Todos voltam a olhar para a irmã Béatrice. Ficam um instante estupefactos.

Alex – Acham que ainda pode ser uma brincadeira?

Manu – A pistola dele não tinha piada nenhuma, garanto.

Fred – Talvez fosse só uma pistola de choques elétricos.

Béa – Se estivermos no Purgatório, devem ser demónios enviados por Deus para nos tentar.

Carla – Não pode usar o crucifixo? Ou um dente de alho, como nos filmes de vampiros?

Béa – Infelizmente tiraram-me a cruz que trazia ao pescoço.

Carla – Que pena!

Béa *(para si)* – Ou então perdi-a durante o jogo.

Manu – Que jogo?

Béa – Nada, desculpem.

Alex – Não poderão ser extremistas islâmicos a pregar-nos uma partida?

Fred – Em geral, não são propriamente conhecidos pelo sentido de humor.

Manu – Não estou a ver extremistas islâmicos a fingirem-se marcianos para nos fazer rir antes de nos degolarem como carneiros.

Pausa.

Carla – E se não for uma partida?

Manu – Está a falar de extraterrestres?

Béa – Bem, se tivesse de escolher, pergunto-me se não preferia…

Carla – Para quem chega de outro planeta, a Terra deve levantar imensas perguntas, não acham?

Manu – Mas nós estamos a cagar-nos para as questões filosóficas deles! Queremos sair daqui. Tenho um restaurante para gerir!

Alex – Isto vai acabar mal, tenho a certeza.

Béa – Ao menos não parecem muito agressivos.

Fred – Até nos trouxeram comida.

Manu – Não foi você que levou com a descarga elétrica!

Fred – Estou esfomeada. Não podemos continuar a discutir enquanto comemos alguma coisa?

Manu – Já que aqui estamos presos, mais vale recuperar forças. Podemos vir a precisar delas.

Manu levanta a tampa da panela.

Carla – O que é isso? Uma especialidade do planeta deles?

Béa – Cuscuz?

Manu observa o interior da panela.

Manu – Parece mais uma sopa de couve.

Fred – Devem conhecer aquele filme francês…

Carla – Que filme?

Fred – A Sopa de Couve, com o cómico francês Louis de Funès. Um extraterrestre aparece por causa de uma sopa!

Alex – Ao menos podiam ter trazido talheres.

Carla – Não vamos comer com as mãos.

Béa – Principalmente se for sopa.

Manu – Afinal, não é sopa. Parece ter carne. É mais um cozido.

Carla – Seja cozido, então.

Fred – Mas cozido de quê?

Alex – Na situação em que estamos, isso importa?

Béa – Seja o que Deus quiser!

Fred – Desculpem, mas eu não como porco.

Manu *(desconfiado)* – É muçulmana?

Fred – Não, não sou muçulmana. Simplesmente não como carne de porco.

Béa – Nem só os muçulmanos evitam comer porco.

Manu – Ah, está bem.

Fred – Isso também o incomoda?

Manu – Não incomoda nada!

Alex – Afinal, que aspeto tem o cozido?

Béa – Cheira bem… Permitem-me que dê graças?

Manu mete a mão na panela e fica imóvel.

Manu – Bem, quem não come porco pode estar descansado…

Tira da panela uma mão humana. Depois um pé. Todos ficam horrorizados.

Alex – Isto é monstruoso!

Carla – Aqueles dois são completamente loucos!

Béa *(benzendo-se)* – Jesus, Maria, José! Canibais! Que abominação!

Alex – Não podemos ficar de braços cruzados à espera que aqueles dois, por muito simpáticos que sejam, nos ponham a cozinhar em lume brando!

Fred – Tem razão. Precisamos de agir.

Manu – Ah, sim? E o que fazemos? Se tem uma ideia genial, esta é a altura certa para nos iluminar!

Carla – Mesmo com as pistolas laser, podemos apanhá-los de surpresa e deixá-los inconscientes. São só dois.

Alex – E não parecem muito fortes.

Béa – Além disso, funcionam a pilhas.

Manu – Muito bem. *(A Fred.)* Se é mesmo cinto negro de karaté, chegou a hora de o provar.

Fred – Na verdade desisti ao fim de uma semana. Tinha medo de levar um murro.

Manu – Suponhamos que os vencemos. Depois? Pegamos nos comandos do disco voador, regressamos à Terra e aterramos num aeroporto de Paris depois de pedir autorização à torre de controlo?

Fred – Talvez não seja muito difícil pilotar um OVNI.

Béa – Eu nem carta de condução tenho. De vez em quando conduzo o velho carro da Madre Superiora dentro dos terrenos da clínica, mas é só isso.

Manu – Tenho licença para pilotar helicópteros, mas…

Alex – Isto vai acabar mal, sinto-o.

Fred – Pode parar de dizer isso? Ainda nos vai dar azar!

Pausa.

Béa – Bem… Só nos resta uma coisa a fazer.

Carla – O quê?

Béa – Rezar!

Béatrice junta as mãos e começa a murmurar uma oração. Os outros suspiram, desanimados.

Alex – Mas temos de arranjar um plano.

Carla – Enquanto eles não estão, preparemos a segunda mão.

Fred – A segunda mão? Porque é que falou na segunda mão?

Carla – Sei lá, saiu-me. Queria dizer o contra-ataque.

Alex – A nossa única hipótese é apanhá-los desprevenidos.

Manu – Isso vai ser difícil.

Carla – Porquê?

Manu – Ouviram o que disseram? «Se precisarem de nós, saberemos.»

Béa – Está a insinuar que…

Carla – Que estão a escutar-nos?

Alpha e Oméga reaparecem sorrateiramente pelo fundo do palco.

Alpha – Então? Estão a gostar do jantar?

Os outros assustam-se.

Béa – Senhor Jesus!

Carla – Não podem aparecer assim sem avisar!

Alex – Ia-me dando um ataque cardíaco!

Oméga – Pedimos desculpa.

Alpha – Não gostaram do prato do dia? *(Levanta a tampa da panela.)* Nem tocaram na comida.

Oméga – E seguimos a receita à risca.

Alpha – Com umas adaptações, porque não tínhamos todos os ingredientes.

Alex – Mas nós não comemos isto!

Alpha – Não comem couve?

Manu mostra-lhes o pé humano.

Béa – Somos bons cristãos! Não somos canibais!

Alpha – Desculpem. Pensávamos que iam gostar.

Oméga – Eu disse-te que os humanos já não se comem uns aos outros há muito tempo.

Alpha – Mais uma vez, desculpem. Foi um pequeno mal-entendido.

Carla – Um pequeno mal-entendido?

Béa – E quem é, afinal?

Alpha – Quem?

Carla – A pessoa que está na panela!

Oméga – Os que passaram por aqui antes de vocês.

Alpha – E não conseguiram responder às nossas perguntas.

Oméga – Pessoas muito simpáticas, aliás.

Alpha – Muito simpáticas, como vocês dizem.

Alex *(em voz baixa, a Fred)* – Acho que vamos mesmo ter de negociar.

Fred – E, acima de tudo, não os irritar.

Carla – Não podemos cair em fora de jogo, isso é certo.

Manu – Quer dizer que não podemos cometer faltas?

Carla – É a mesma coisa!

Alex – Portanto, é mesmo isso que querem saber?

Carla – O que é o amor e essa conversa toda?

Oméga – Entre outras coisas, sim.

Alpha – Há tantos mistérios sobre vocês, os terráqueos, que gostaríamos de desvendar…

Oméga – Especialmente sobre os franceses. Por exemplo…

Alpha – O existencialismo.

Oméga – O vinho Beaujolais Nouveau.

Alpha – O cubismo.

Oméga – Os radicais de esquerda franceses.

Alpha – Deus.

Oméga – A sodomia.

Fred – Ah… Nada menos!

Béa *(benzendo-se)* – Valha-me Deus!

Alex – Mas… porque nós, se me permitem perguntar?

Manu – Somos gente perfeitamente comum. Gente como toda a gente.

Fred – Talvez até um pouco abaixo da média.

Carla – Porque não interrogam especialistas?

Manu – Filósofos, políticos, artistas, vedetas da televisão…

Alpha – Já o fizemos.

Béa – E então?

Carla – Onde é que estão?

Oméga – Na panela.

Alex – Presumo que as respostas não vos tenham agradado.

Fred – Não me digam que este cozido leva os pés de um filósofo famoso e os miolos de um apresentador de televisão!

Béa – Meu Deus, havia miolos também?

Alpha indica a panela.

Alpha – Não querem mesmo provar?

Oméga – Talvez vos ajude.

Alpha – Dizem que comer miolos é bom para a memória.

Oméga – Lemos isso num dos vossos livros de receitas.

Alpha – E miolos de filósofo devem ser ainda melhores…

Oméga levanta a tampa.

Oméga – Embora, a bem dizer, não tenham grande aspeto.

Alpha – Talvez o filósofo de As Mãos Sujas tivesse mesmo as mãos sujas…

Oméga – E pensar que dizem que as melhores sopas vêm das panelas velhas…

Alpha – Vão ter de encontrar argumentos melhores para nos convencer.

Carla – Convencer-vos?

Alpha – Religião, filosofia, política… Reconheçam que nada disso faz grande sentido.

Oméga – E os vossos cientistas também pouco têm para nos ensinar.

Alex – Mas convencer-vos de quê, exatamente?

Alpha – De que devemos salvar a Terra.

Béa – Isto é um pesadelo! Senhor, fazei com que eu acorde!

Carla – Salvar a Terra?

Béa – Porque haveriam uns pobres pecadores como nós de conseguir salvar a Terra?

Oméga – Porque são franceses!

Carla – Franceses? Eu nem sequer tenho origens francesas, fiquem sabendo.

Manu – Pois, franceses! Se metade do mundo não nos tivesse ajudado, nem de duas invasões teríamos conseguido libertar a França num século. Como é que vamos salvar o planeta sozinhos?

Alpha – Vocês próprios não se consideram o ponto mais alto da civilização?

Fred – Bem, são os franceses que o dizem. Não levem isso demasiado a sério.

Alex – Também existem os chineses.

Béa – Uma civilização muito antiga.

Carla – Ou, mais perto, os belgas.

Fred – É verdade que nos confundem muitas vezes. Falamos a mesma língua.

Alex – Na realidade, muitos dos melhores franceses são belgas.

Carla – Jacques Brel, Johnny Hallyday, Gérard Depardieu…

Béa – Todos belgas!

Alex – Tentem antes a Bélgica, a sério.

Pausa.

Carla – E se não conseguirmos explicar por que razão vale a pena viver?

Béa – Também vamos acabar na panela?

Oméga – Para sermos francos…

Alpha – Enviaram-nos para saber se os habitantes da Terra merecem continuar a viver, ou se podemos transformar o vosso planeta numa lixeira.

Manu – Uma lixeira?

Alpha – Nós também produzimos… excrementos e resíduos tóxicos.

Oméga – E não podemos largá-los em qualquer sítio.

Alex – Claro, compreendo. Tenho um mandato na área do ambiente e trato da limpeza da cidade, portanto…

Oméga – Bem…

Alpha – Deixamo-vos pensar mais um pouco.

Alpha e Oméga saem. Os outros ficam atónitos.

Béa – Percebem o que isto significa? O futuro da Humanidade está nas nossas mãos! Deus confiou-nos uma missão!

Fred – Temos é de fugir daqui, e depressa!

Manu – Não há porta! Aqueles dois atravessam paredes!

Alex – E se estivermos mesmo num disco voador?

Carla – É o que eles dizem.

Fred – A mim isto parece-me mais uma cena de teatro.

Béa – Acham que estes enviados de Satanás são atores?

Fred – Quem sabe? O mundo é um palco, irmã. Já Shakespeare o dizia.

Carla – Então o que fazemos?

Fred – Talvez pudéssemos comer só a couve.

Ninguém lhe responde.

Alex – Não há alternativa.

Fred – A quê?

Alex – Temos de lhes explicar tudo isto.

Manu – Explicar-lhes o quê?

Béa – O sentido da vida!

Carla – Pelo menos segundo os franceses.

Alex – Imaginem que por milagre conseguimos fugir e regressar às nossas vidas. De que nos serviria, se no dia seguinte os marcianos viessem despejar-nos os seus resíduos nucleares em cima?

Carla – Falaram também de excrementos. Imaginem que nos bombardeiam com as suas fezes!

Fred – Prefiro a versão de Hiroshima.

Carla – Pelo menos é uma maneira mais digna de acabar o mundo. Não acha, irmã?

Manu – Foda-se, estamos metidos numa bela merda!

Carla – Literalmente.

Fred – Vale a pena viver na Terra? Que sei eu? Ninguém me perguntou se queria nascer.

Alex – Pois, mas agora que aqui estamos…

Carla – Então como fazemos?

Béa – Podemos dividir-nos em duas equipas e atribuir um assunto a cada uma.

Carla – Foi monitora de um campo de férias antes de entrar para o convento?

Alex – Cada um de nós sabe mais sobre determinado assunto. Acho que foi por isso que nos escolheram.

Béa – Estão a ver? Fomos os escolhidos!

Alex – Eu só tenho um cargo na câmara e trato da separação do lixo. Não descobri o Santo Graal!

Carla – Irmã, podia explicar-lhes para que serve o Papa.

Fred – E como é que ele torna a vida digna de ser vivida.

Manu – Foda-se, não vai ser fácil.

Carla – Pode parar de dizer «foda-se» no início de todas as frases?

Alex – Bem, temos de começar por alguma coisa.

Carla – Comecemos pelo mais simples.

Béa – O quê?

Carla – Sei lá… A cozinha!

Manu – A cozinha francesa é simples? Diga isso aos inspetores do Guia Michelin!

Carla – Mesmo assim é mais simples do que Deus. Pelo menos sabemos que um cozido existe.

Fred – Nenhum filósofo dedicou a vida a demonstrar a existência de um cozido.

Alex – Então o que é a cozinha?

Manu – A cozinha é uma arte. E é praticando que se aprende a acreditar nela.

Béa – Um pouco como a religião.

Carla – E precisamente o contrário do amor, irmã, acredite!

Fred – Estamos bem arranjados!

Manu – E nem sequer tenho utensílios para cozinhar!

Fred – Além disso, se aqueles dois marcianos forem robôs…

Alex – A julgar pelo jantar que nos trouxeram…

Carla – Não devem ter um paladar muito apurado.

Ficam a pensar.

Alex – Então o riso. Rir é uma característica humana. Até o filósofo francês Bergson escreveu sobre isso.

Fred – Bergson! Aposto que vai esclarecer imenso os marcianos. Não viram o que fizeram aos filósofos? Querem acabar num cozido?

Manu – Ou num cuscuz de luxo…

Béa – Acham que são muçulmanos?

Fred – Acha que todos os extraterrestres têm de ser bons católicos, irmã?

Alex – Talvez não consigamos explicar o riso, mas podemos tentar fazê-los rir.

Carla – Como? Fazendo cócegas às pilhas?

Manu – Fazer rir um marciano… A senhora, que é humorista, consegue?

Fred – Nunca consegui fazer rir um parisiense. Mas posso tentar com um marciano.

Carla – Que reconfortante.

Alpha e Oméga surgem de repente.

Alpha – Então? Têm alguma piada para nos contar?

Os outros dão um salto de susto.

Manu – Valha-me Deus!

Fred – Não podem bater à porta como toda a gente?

Oméga – Desculpem. Não queríamos apressar-vos.

Alpha – Ainda temos tempo.

Oméga – Uma hora, digamos.

Carla – Uma hora?!

Béa – Então vá, comecem! De que estão à espera?

Alex – Preparem-se, vão morrer a rir.

Manu – Temos entre nós uma humorista de grande talento.

Alex – Já atuou nos melhores palcos de Paris. E até em Marselha.

Todos olham para Fred. Primeiro desconcertada, ela decide avançar.

Fred – Bem… Conhecem aquela piada dos marcianos?

Alpha – O que é um marciano?

Oméga – O que é uma piada?

Béa – Isto não vai correr bem…

Manu – Vão ver, é ótima.

Fred – É um astronauta que chega a Marte e encontra dois marcianos a contar piadas.

Alpha – Mas não há ninguém em Marte.

Oméga – Estivemos lá antes de vir para aqui.

Alpha – Marcianos não existem.

Fred – É uma piada! Também têm de fazer um esforço!

Oméga – Está bem.

Alpha – Continue.

Fred – O astronauta fica espantado, porque um marciano diz um número, por exemplo 42 ou 69, e o outro desata a rir. Pergunta porquê. «Para poupar tempo», responde o marciano. «Demos um número a cada anedota. Basta dizer o número.» «435», diz ele, e o outro ri-se às gargalhadas. O astronauta acha genial e pede para experimentar. Diz um número ao acaso, sei lá, «753». Os dois marcianos desatam a rir. E um diz: «Essa é ótima! Nunca a tínhamos ouvido!»

Ninguém se ri. Os terráqueos forçam então algumas gargalhadas.

Alex – Excelente!

Carla – Que graça!

Manu – Pois… Eu também não conhecia essa.

Alpha e Oméga continuam impassíveis.

Alpha – Não percebemos nada.

Oméga – O que é que tem graça?

Alpha – O que significa ter graça?

Manu – Podem dar-nos mais cinco minutos?

Alpha e Oméga afastam-se para a outra extremidade do palco. Os restantes falam baixinho.

Fred – Na realidade, era uma anedota sobre informáticos. Adaptei-a para marcianos.

Carla – O humor não nos vai salvar.

Fred – Pensei que, se fizesse rir um informático, talvez fizesse rir um marciano.

Alex – Parece que não têm sentido de humor nenhum.

Manu – Também temos de admitir que a anedota era péssima.

Béa – A mim também não me fez rir.

Carla – Então?

Alex – Falar-lhes de Deus nem vale a pena. Nem nós acreditamos.

Béa – Eu acredito!

Carla – Há uma hora eu também não acreditava em extraterrestres.

Manu – Não temos nada a perder.

Alex – Irmã, se acha que consegue converter os marcianos, faça favor.

Fred – Mas aviso-a: parecem mais resistentes do que os povos indígenas da América aos primeiros missionários.

Béatrice aproxima-se de Alpha e Oméga.

Béa – Deus ama-vos também, meus queridos irmãos. Mesmo que o Demónio vos possua, a misericórdia divina acolhe-vos! *(Exaltada.)* Satanás, abandona estes corpos inocentes!

Béatrice faz um enorme sinal da cruz, como se fosse um golpe de karaté. Alpha sente-se ameaçado, saca da pistola laser e dispara. Béatrice cai, sacudida por convulsões. Os outros observam-na com relativa indiferença.

Carla – Ainda não devem estar preparados para dar a outra face.

Béatrice recupera pouco a pouco e levanta-se. Os marcianos saem.

Fred – Então a política.

Manu *(a Alex)* – Acha mesmo que consegue explicar a um marciano para que serve um político da administração local?

Carla – De facto, visto assim…

Fred – Resta o amor.

Alex – Não podemos explicar-lhes o que é, mas talvez possamos fazê-los… senti-lo.

Fred – Senti-lo?

Manu – E quem é que se encarrega disso?

Todos olham para Carla e Béatrice.

Manu – Não vamos pedir à irmã Béatrice.

Béa – Só conheço o amor de Nosso Senhor. Sou esposa de Jesus.

Os olhares concentram-se em Carla.

Carla – Esperem: estamos a falar de amor ou de sexo? É que eu só conheço o amor pago.

Alex – Mas é um pouco a sua especialidade, não é?

Carla – Querem que vá para a cama com um marciano?

Alex – Estamos a tentar salvar a Humanidade.

Fred – Com H maiúsculo.

Manu – Não vamos entregar uma missão destas a amadores.

Carla – Está bem, tento. Mas há um pequeno problema.

Manu – Qual?

Carla – Tecnicamente, ainda sou um homem.

Fred – Não me diga!

Carla – Tinha marcada uma operação na clínica, mas depois aconteceu tudo isto.

Béa – Meu Deus!

Alex – Bem, estamos a falar de marcianos…

Fred – Pois…

Manu – Então quem?

Alex – Eu sou casada.

Fred – Com um homem ou uma mulher?

Alex *(a Fred)* – E você? Não lhe apetece salvar a Humanidade?

Manu – A humorista? Até os marcianos merecem melhor.

Alex – Então só resta uma solução.

Todos olham para Béatrice.

Béa – Eu? Nem pensar!

Manu – Considere um sacrifício supremo, irmã.

Béa – E se eu engravidar? O que digo à Madre Superiora quando regressar à clínica Nossa Senhora do Bom Socorro?

Alex – Diga-lhe que foi um encontro imediato do terceiro grau… com o Espírito Santo.

Fred – E funda uma nova religião!

Manu – Isso já foi feito.

Alex – Além disso, convenhamos, as religiões antigas estão um bocado gastas.

Fred – A Igreja Católica é como o antigo Partido Socialista francês: já quase ninguém acredita nela.

Alex – Há uma altura em que não se consegue fazer nada de novo com material velho.

Béa – Admitamos. Mas eu nem sei como se faz amor com um marciano!

Manu – Como fazer amor com um marciano… Eis a questão.

Fred – Parece uma pergunta de um exame de Filosofia.

Carla – Mas aqui o exame é prático.

Alex – Se têm aparência humana, devem ter o resto do equipamento também.

Béa – A vossa anedota há pouco não os fez rir.

Fred – Deve faltar-lhes uma parte do cérebro.

Alex – Aqui não estamos exatamente a falar de cérebro, pois não?

Carla – Se os homens com o cérebro por acabar fossem condenados à abstinência, os travestis que trabalham nas ruas de Paris ficavam sem clientes.

Os marcianos regressam.

Oméga – Então?

Alpha – Prontos para uma última experiência?

Fred – Vai ser uma experiência e tanto, podem crer.

Béa – Esquecem-se de que são dois. Há um macho e uma fêmea, certo?

Alex – É verdade. Mais vale respeitar a igualdade.

Fred – E duplicar as hipóteses de sucesso.

Carla – Nesse caso, também estou disposta a sacrificar-me.

Béa – Que Deus a recompense.

Carla leva os dois extraterrestres consigo. Béatrice segue-os.

Carla – Venham com a mamã, meus queridos. Vão finalmente descobrir o segredo da vida.

Béatrice e Carla saem com Alpha e Oméga.

Fred – É a nossa última hipótese.

Manu – Acham que elas vão conseguir?

Alex – Um travesti e uma freira a ensinar dois marcianos a fazer amor… Não me peçam demasiado otimismo.

Escuro. Passagem de tempo. Luz. Béatrice e Carla regressam.

Manu – Já?!

O hábito de Béatrice está todo desarranjado e há manchas verdes em torno da boca, como se tivesse saído do filme O Exorcista. Carla tem um olho negro.

Alex – Então, como correu?

Carla – O que acha?

Manu – E a irmã?

Béa – Foi… estranho.

Alex – Estranho… para uma freira?

Carla – Haviam de ter visto! Estava possuída. Acho que, em matéria de amor, conheceram o Alfa e o Ómega.

Fred – Béatrice, merece ser beatificada!

Manu – Mas eles disseram alguma coisa?

Béa – Nada.

Alex – Não sei se é bom sinal.

Manu – Então o que fazemos?

Alex – Preparamo-nos para ser o jantar dos próximos prisioneiros?

Silêncio. Refletem.

Manu – Sabem uma coisa? Agora estou a lembrar-me…

Alex – De quê?

Manu – Da última coisa de que me lembro antes de nos raptarem.

Carla – Sim?

Manu – Estava no Stade de France, o grande estádio de Paris.

Béa – A sério?

Manu – A ver o jogo entre o Olympique de Marseille e o Paris Saint-Germain.

Alex – Extraordinário! Agora que fala nisso…

Manu – O quê?

Alex – Eu também lá estava!

Carla – É verdade! Também me estou a lembrar!

Alex – Devem ter-nos raptado lá.

Béa – Então somos todos adeptos do Paris Saint-Germain?

Alex – Não me diga que a irmã também…

Béatrice acena que sim, em silêncio.

Fred – Eu já me lembrava, mas tinha vergonha de dizer. Detesto futebol e tudo o que tenha a ver com ele.

Alex – Futebol… Nem sequer sei as regras.

Fred – E você?

Manu – Também não.

Fred – No entanto, com esse aspeto, parece um adepto fanático do Paris Saint-Germain.

Manu – Pois aí tem: cuidado com os preconceitos. Eu cá gosto é de râguebi.

Carla – Então o que faziam num estádio a ver futebol?

Manu – Um jogador do Paris Saint-Germain vai muito ao meu restaurante. Queria um miminho especial ao intervalo.

Fred – Um miminho?

Manu – Caracóis com maionese de trufa. São caprichos das vedetas, sabe como é.

Alex – E a irmã?

Carla – Exato! O que fazia uma freira num estádio numa noite de jogo?

Béa – Na clínica tratámos um futebolista do Paris Saint-Germain, depois de uma lesão. Fui eu que cuidei dele. Ficou tão satisfeito que insistiu em que lhe massajasse a coxa ao intervalo.

Como num sonho, todos ficam imóveis menos Béatrice. Esta faz playback e dança ao som de uma canção sensual sobre jogadores nos balneários, acompanhada por um videoclipe sugestivo projetado ao fundo (ou por qualquer música e imagem escolhidas pela encenação). Regressa-se à normalidade.

Manu *(a Carla)* – E você? Gosta de futebol?

Carla – Eu estava lá para os divertimentos depois do jogo. Afinal, irmã, fazemos trabalhos muito parecidos.

Todos se voltam para Alex.

Alex – Eu fui para agradar aos meus eleitores. Em época de eleições convém aparecer num estádio.

Fred – No fundo, todos detestamos futebol! Afinal, é isso que temos em comum!

Pausa. Alpha e Oméga regressam, também com a roupa um pouco amarrotada.

Fred – Então? Satisfeitos?

Alpha – Digamos que…

Oméga – Estamos dispostos a dar-vos uma última oportunidade.

Manu – Podem contar connosco para marcar pontos.

Alex – Somos todos ouvidos.

Alpha – Quando vos teletransportámos, estavam a assistir a uma estranha cerimónia, dentro de um edifício semelhante a uma nave espacial.

Béa – Visto de cima, o Stade de France sempre me pareceu um disco voador.

Oméga – Foi isso que nos chamou a atenção.

Manu – É uma catedral do futebol.

Oméga – Tem certamente muito mais gente do que uma igreja.

Alpha – Gostávamos que nos explicassem esse mistério.

Manu – Que mistério?

Oméga – Esta paixão dos terráqueos pelo futebol!

Carla – Ah, o futebol!

Alex – Penso que o jogo teve origem entre os astecas.

Fred – Mas as regras modernas foram estabelecidas pelos ingleses, como é evidente.

Escuro. Passagem de tempo. Luz.

Todos bebem cerveja e comem amendoins, olhando para um ecrã imaginário, supostamente voltado para o público, onde passa um jogo de futebol. Podem ouvir-se os comentários dos locutores desportivos.

Alex – Como é que conseguiram apanhar um canal de desporto pago sem terem assinatura?

Béa – Não se esqueçam de que são de uma civilização muito mais avançada.

Fred – Deviam ensinar-nos o truque.

Béa – Nem sabemos se estão a gostar. Não dizem uma palavra.

Carla – Pois, comunicação não é o forte deles. Já o vimos há pouco.

O jogo prossegue durante algum tempo.

Fred – Ainda bem que trouxeram amendoins. Estava com tanta fome que quase provava aquele cozido!

Todos acompanham o jogo em silêncio.

Alpha – Por quem torcem?

Manu – Pelo Paris Saint-Germain, claro!

Alpha *(em voz alta)* – Força, Marselha!

Fred – Acho que já perceberam a ideia.

Carla – É um começo.

Continuam a ver o jogo.

Oméga – Porque é que pararam?

Fred – Livre direto.

Carla – Não será penálti?

Alex – Ah, não, é o intervalo!

Alpha – Ah…

Béa – Só espero que ganhe o Marselha.

Carla – Se calhar o jogo já acabou.

Oméga – Então quem ganhou?

Fred – Não, é que…

Alpha – Pensei que tivesse terminado.

Manu – Estão no prolongamento.

Alpha – Gooool!

Oméga – Então ganhou o Paris Saint-Germain?

Alex – Eu sabia que isto acabava mal.

Manu – Não, anularam o golo. Era fora de jogo.

Béa – Salvos pela pila… *(Corrige-se imediatamente.)* Quero dizer, pelo apito do árbitro! Por enquanto…

Oméga – Fora de jogo? O que é isso?

Todos trocam olhares.

Fred – É muito difícil de explicar a um extraterrestre. Sobretudo a um do sexo feminino.

Oméga – Mais difícil do que a sodomia?

Béa – Quase a mesma coisa.

A voz do comentador continua.

Carla – Agora vão aos penáltis.

O comentador anuncia a vitória do Marselha.

Alpha – Então ganhou o Marselha?

Alex – Exatamente!

Alpha levanta-se.

Alpha – Somos campeões! Somos campeões! Somos, somos campeões!

Oméga – Não estava fora de jogo.

Alpha – Como assim, não estava fora de jogo?

Oméga – O Paris Saint-Germain devia ter ganho.

Alpha *(mecanicamente)* – Somos campeões! Somos campeões! Somos…

Oméga saca da pistola laser.

Oméga – Eu apoio o Paris Saint-Germain.

Alpha – E eu apoio o Marselha.

Perante o horror dos outros, disparam um contra o outro e caem ambos no chão.

Carla – Pelo menos livrámo-nos deles.

Manu – Não sei se é boa notícia. Quem nos vai levar de volta à Terra?

Alex – Temos de tentar reanimá-los!

Manu tenta acordá-los, sacudindo-os.

Manu – Acordem!

Fred – Se calhar ficaram sem pilhas.

Béatrice aproxima-se.

Béa – Deixem-me tentar. Sou enfermeira.

Alex – Auxiliar de enfermagem.

Béatrice dá um beijo apaixonado na boca de Alpha, que pouco depois desperta.

Alpha – O que é isto?

Oméga também acorda.

Oméga – O que aconteceu?

Alex – Não se preocupem, está tudo bem.

Alpha – Mas onde estamos?

Oméga – E quem são vocês?

Alpha – Foram vocês que nos raptaram?

Manu – Oh, porra, não!

Fred – Se perderam a memória, estamos tramados!

Alex – Vocês é que nos raptaram!

Béa – São marcianos!

Oméga – Marcianos?

Alpha – Espera… Agora lembro-me do jogo.

Oméga – Quem ganhou?

Alex – Bem, é que…

Carla – Foi um empate!

Fred – Espero que se lembrem de pilotar o disco voador.

Oméga – Disco voador?

Alpha – O que é isso?

Oméga – Ah, já sei… É assim que os terráqueos chamam à nossa nave.

Alex – Ufa! Parece que a memória lhes voltou.

Alpha e Oméga levantam-se.

Alpha – Desculpem. Não sei o que me deu.

Oméga – Deve ser do futebol.

Alpha – Sim… Aquilo parece deixar-nos estúpidos.

Fred – Pelo menos já compreenderam isso.

Alex – Então? O que vão fazer connosco?

Alpha – Futebol, futebol, futebol…

Carla – Espero que não esteja em curto-circuito.

Oméga – Vamos levar-vos de volta ao vosso planeta.

Béa – Não vão transformar a Terra numa lixeira?

Fred – Não faz mal, disso tratamos nós!

Alpha e Oméga dão uns passos mecânicos, recuperando o equilíbrio.

Alex – Para extraterrestres, não são muito inteligentes, pois não?

Manu – Também…

Fred – O quê?

Manu – Mandaram-nos cá para despejar o lixo.

Alex – E então?

Manu – Se calhar não escolheram os mais inteligentes.

Fred – Realmente, que observação brilhante!

Manu – Estou a brincar! É humor!

Béa – Percebem? Salvámos o planeta!

Carla – E a irmã não hesitou em dar o corpo ao manifesto!

Alex – Quando contarmos esta aventura aos amigos…

Alpha e Oméga já recuperaram completamente.

Oméga – Lamentamos, mas não vão contar esta história a ninguém.

Fred – Então afinal vamos acabar em cozido?

Oméga – Acho que vamos experimentar outra receita. *(Os outros ficam horrorizados.)* Estou a brincar! É humor!

Carla – Muito engraçado.

Alex – Mesmo muito.

Fred – Então o que é que vão fazer?

Alpha – Uma pequena descarga de raios e não se lembrarão de nada.

Aponta a pistola laser e atinge-os com o raio.

Escuro. Passagem de tempo.

Luz.

Alex e Fred estão sentadas diante de um televisor ligado, que se imagina no fundo da sala, do lado do público. Vestem camisolas do Paris Saint-Germain. É uma banalíssima noite de futebol entre amigos.

Alex – Achas que temos hipóteses esta noite?

Fred – Desde que não levemos um ou dois cartões vermelhos…

Carla chega com cervejas.

Carla – Querem umas cervejinhas?

Fred – Venham elas!

Alex – Não há jogo a sério sem uma cerveja.

Manu entra também, com uma camisola do Paris Saint-Germain.

Manu – Ainda não começou, pois não?

Fred – Não, estás à vontade.

Carla – A desforra! Desta vez não podemos falhar!

Alex – Vai ser difícil.

Fred – Ainda por cima, o Marselha joga em casa.

Manu – A Béa ainda não chegou?

Carla – Está quase.

Manu – Espero bem! Ficou de trazer os amendoins.

Alex – É tão bom estarmos aqui todos juntos.

Carla – É verdade.

Manu – Por acaso… Como é que nos conhecemos?

Alex – Que estranho, não me lembro mesmo de nada.

Carla – Nem eu.

Fred – E, no entanto, somos grandes amigos.

Alex – Apesar de sermos tão diferentes.

Carla – Todos adoramos o Paris Saint-Germain, não é?

Ouve-se a campainha da porta.

Alex – Ah, chegaram os amendoins!

Fred – Vou abrir. *(Sai e ouve-se a sua voz.)* Béa! Estávamos à tua espera como se fosses o Messias!

Regressa com Béatrice.

Béa – Olá a todos!

Alex – Olá, Béatrice.

Carla – Põe o casaco aí.

Béatrice tira o casaco. Por baixo usa uma camisola do Olympique de Marseille. Nota-se que está grávida.

Alex – Olha só… Escondeste-nos isso!

Béa – Que sou adepta do Marselha?

Fred – Que estás grávida!

Carla – Que maravilha!

Manu *(a Carla)* – Ela não era freira?

Carla – Era, mas isso foi antes. Quando eu ainda era homem.

Fred – E quem é o pai?

Béa – Vão rir-se, mas… Não faço ideia.

Fred – Foste para a cama com a equipa inteira do Paris Saint-Germain?

Béa – Sou virgem!

Todos desatam a rir.

Alex – Vá, a nós podes contar. Quem pôs o Menino Jesus na manjedoura?

Carla – Só espero que não tenha sido o carteiro!

Béa – Desculpem, tenho de ir à casa de banho. Sabem como é, quando estamos grávidas…

Sai.

Alex – A nossa Béa…

Manu – Gostava de saber que cara vai ter a criança.

Carla – Sobretudo porque não conhecemos o pai.

Toca a campainha da porta.

Manu – Esperamos mais alguém?

Fred – Se calhar é o carteiro.

Carla – Vem reconhecer o filho!

Alex – Ou pedir a gorjeta de Natal.

Manu – A menos que sejam os Reis Magos.

Alex – O Natal está quase aí.

Carla vai abrir.

Carla – Não são os Reis Magos. Só vêm dois!

Entram Alpha e Oméga, com os mesmos fatos espaciais, mas agora com camisolas do Olympique de Marseille por cima. Continuam ligeiramente robóticos. Todos se voltam para eles. Oméga também parece grávida.

Fred – Devem ser os homens do lixo.

Alex – Vieram vender os calendários de Natal?

Béatrice regressa.

Alpha – Viemos para a segunda mão.

Oméga – Não estamos fora de jogo, pois não?

Todos olham para eles, intrigados.

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-219-7

Documento para download gratuito